

LIÇÃO 2: UMA PROVA DO AMOR DE DEUS PELO SEU POVO

TEXTO ÁUREO: *“Eu vos tenho amado, diz o Senhor. Mas vós dizeis: Em que nos tens amado? Não era Esaú irmão de Jacó? disse o Senhor; todavia amei a Jacó” (Ml 1.2).*

LEITURA BÍBLICA: MALAQUIAS 1.1-4

INTRODUÇÃO

Na lição anterior estudamos o contexto histórico em que foi escrito o livro do profeta Malaquias e a relevância da sua mensagem para igreja em nossos dias. Nesta, vamos estudar a primeira profecia proferida por Malaquias ao povo de Israel, onde o Senhor responde às murmurações e aos questionamentos feitos pelos israelitas descontentes. Compreenderemos a prova do amor de Deus para com o Seu povo eleito por Ele desde a fundação do mundo, e suas implicações para uma verdadeira adoração.

I – O INCONDICIONAL E ELETIVO AMOR DE DEUS POR JACÓ (V. 2)

As aflições e prejuízos ocasionados pelo cativeiro babilônico induziram os israelitas a questionarem o amor de Deus para com eles, bem como Sua fidelidade em cumprir Suas promessas de paz e prosperidade. Duvidar do amor de Deus subtrai toda e qualquer motivação para se oferecer a Ele um culto repleto de reverência e gratidão. Estes israelitas eram incapazes de adorar ao Senhor considerando Seus maravilhosos atributos e Seus grandes feitos que marcaram toda a história de Israel, pois, para eles, o que realmente importava era o favor de Deus para a presente situação em que viviam.

No entanto, o Senhor, por meio do profeta Malaquias, mostra aos israelitas a grandeza do Seu amor pelo Seu povo revelado desde Jacó, o patriarca amado e eleito incondicionalmente para gozar de um papel privilegiado na história da redenção como portador da promessa messiânica. Ora, se o Senhor, ao invés de ter escolhido Jacó, tivesse escolhido Esaú para gozar do Seu soberano favor, os israelitas seriam um povo rejeitado e desfavorecido diante d’Ele. Desde o parto de Jacó até ao término do cativeiro babilônico, a mão do Senhor sempre esteve estendida para o Seu povo eleito, contudo, os mesmos conservavam seus corações endurecidos e indiferentes ao seu Criador (Rm 10.16-21; Hb 3.7-19).

Se os israelitas nos dias de Malaquias conseguissem enxergar o amor de Deus para com eles, revelado na eleição incondicional de Jacó e de seus descendentes, certamente teriam abundantes motivos para adorar ao Senhor, mesmo sofrendo severas adversidades (Hc 3.17-19).

II – O SENHOR REJEITA OS EDMITAS, DESCENDENTES DE ESAÚ (VV. 3-4)

Ao longo de vinte anos, Isaque orou instantaneamente ao Senhor por sua mulher, porquanto esta era estéril. Somente no tempo determinado pelo Senhor, Rebeca foi curada de sua esterilidade e feita uma alegre mãe de filhos. A longa espera foi recompensada com dois filhos gêmeos, dos quais o Senhor elegeu o mais novo, segundo Seu incondicional e livre amor, para ser agraciado como o ramo da genealogia do Messias, bem como o patriarca das doze tribos de Israel. Na concepção e na designação da identidade e do propósito tanto de Jacó como de Esaú, o Senhor revela Sua soberania para que a glória seja inteiramente Sua (Gn 25.19-27).

Para os contemporâneos de Malaquias, deve ter parecido que o profeta tinha cometido um engano ao apelar para os destinos contrastantes de Israel e Edom como prova do amor de Deus por Israel, porquanto os edomitas não sofreram com o cativo babilônico como os israelitas. Os edomitas não apenas se alegraram com a ruína de seus irmãos israelitas como também ajudaram ativamente os invasores babilônicos, ao cortarem as rotas de fuga de seus irmãos (Sl 137.7; Ez 25.12-14; Ez 35.15; Ob 8-21). Enquanto os israelitas sofreram com a devastação total de seu país pelas mãos dos babilônios em 587 a.C., os edomitas experimentaram o juízo do Senhor pelas mãos dos árabes, que gradualmente os forçaram a abandonar sua terra natal, entre 550 e 400 a.C., fazendo com que se fixassem em uma área ao sul da Palestina chamada Idumeia.

Enquanto Judá seria graciosamente restaurado após sofrer a severa correção do cativo babilônico, o juízo sobre Edom seria permanente e irreversível. O Senhor, como um pai que ama os Seus filhos, corrigiu Judá a fim de conceder ao Seu povo a participação em Sua alegria e santidade (Hb 12.1-11).

III – A SUFICIÊNCIA DA GRAÇA DIVINA E A ADORAÇÃO VERDADEIRA

Vemos no testemunho pessoal do apóstolo Paulo o exemplo da devoção apaixonada do cristão, em contraste com a cegueira espiritual dos judeus nos dias de Malaquias. Paulo era tão convicto do amor do Pai provado pelo sacrifício de Seu Filho na cruz do Calvário que não permitia as densas trevas do sofrimento ocultarem a resplandecente luz do Evangelho em seu coração. O santo apóstolo compreendia o propósito de seus sofrimentos presentes, bem como aguardava sua recompensa definitiva no arrebatamento da igreja. Observe que Paulo, ao contrário dos judeus contemporâneos de Malaquias, sabia muito bem como o sofrimento provocado pelos inimigos do Evangelho contribuiria para o propósito eterno estabelecido por Deus em sua vida.

Da mesma maneira, nós, discípulos de Cristo nesta geração, precisamos encarar o sofrimento com uma perspectiva positiva, convictos da nossa soberana eleição, segundo a eterna graça de Deus, a qual nos destinou para a redenção eterna (1 Ts 5.1-11; 2 Ts 2.13-17; 1 Pe 1.3-12). O dom da fé que nos foi concedido graciosamente para nos apropriarmos da justiça de Cristo é também responsável por nos sustentar firmes durante nossa peregrinação, para permanecermos confiantes em Deus mesmo quando as circunstâncias são extremamente adversas (1 Pe 5.10-12). Além disso, contamos com o Consolador, responsável por cooperar conosco a fim de assegurar o êxito da nossa peregrinação (Jo 15.26-27; Jo 16.7-14).

Portanto, a adoração cristã é produto da verdadeira fé cuja confiança está firmada no amor incondicional e eletivo do nosso amoroso Pai Celestial. As adversidades do tempo presente são incapazes de sufocar nossa apaixonada adoração por nosso Senhor, pois estamos certos do Seu amor por nós e da recompensa que nos aguarda (2 Co 4.6-18).

CONCLUSÃO

Embora os judeus contemporâneos de Malaquias fossem incapazes de perceber o amor de Deus por eles em função de todo o seu sofrimento, nossa fé em Cristo nos permite enxergar o amor de Deus além do véu do sofrimento, pois estamos convictos da nossa eleição em Cristo, bem como somos esperançosos quanto à recompensa reservada na eternidade para nós.